

**Transculturalidade:  
transmigrações e transmutações  
*Interfaces Brasil/Canadá e Vice Versa***

\*Nubia Hanciau

*Somente a reconquista da mobilidade interior permite encaminhar a questão da dignidade humana fortemente ligada à da integridade corporal e espiritual, e multiplicar as possibilidades de estar no mundo.*

Lucie Lequin

Os termos relacionadas no título deste trabalho, cuja popularidade é crescente no âmbito das ciências humanas e sociais, acentuam a fluidez das trocas entre comunidades nacionais e a plasticidade das pertencas em sujeitos que vivem no cruzamento de várias culturas. “Escritores, artistas e agentes culturais desenvolvem nos dias que correm estratégias que deslocam a arbitrariedade da norma e rompem paradigmas aproximando culturas através de jogos transculturais, cujo eixo é o movimento” (BERND, 2008)<sup>1</sup>. Fulvio Caccia, ao introduzir no Quebec a noção da transcultura ou transculturação quando da criação da revista *Vice Versa*, chama a atenção para suas duas significações diferentes: a primeira remonta a Fernando Ortiz, que, como se sabe, em 1940 forjou a neologismo que significa “a síntese”, e que traduzia melhor, segundo Caccia, a brutal superposição de culturas que caracteriza a América, cuja mestiçagem é sua própria essência. “A segunda definição refere a falta, a doença; foi empregada nos meios clínicos norte-americanos para designar um certo tipo de psiquiatria hoje tornada étnica” (CACCIA, 2001, p. 33). Para o poeta e ensaísta florentino, que se interessa pelo futuro das identidades em contexto de imigração, desde o começo da colônia a sociedade deste continente é transcultural; as grandes migrações nos moldaram aos ameríndios, em primeiro lugar, depois aos europeus, e mais tarde recebeu o afluxo dos imigrantes. Esse entrecruzamento étnico pode ter sido o fermento de uma fantástica experiência, de um modelo ao mesmo tempo político e cultural, na base da transformação que ultrapassa o território quebequense, anunciando uma autêntica república que realizaria a aspiração de Goethe, para quem cada um dialoga e troca com

---

<sup>1</sup> Na sua contribuição à apresentação da *Interfaces Brasil/Canadá* n. 8 (p. 7) e na alocução proferida durante o “Colóquio Internacional Brasil/Canadá: imaginários coletivos e mobilidades (trans)culturais” (UFRGS, Porto Alegre, 2008).

o outro na diferença, diferença comum, complementar. Em seu livro *La république mêtis*, Caccia já dizia:

A transcultura pode ser esse momento de passagem quando a escolha que impõe a realidade não é mais vivida como perda, mas como plenitude, tornando possível assim uma maneira inédita de pensar a americanidade. Essa americanidade seria ao mesmo tempo tomada como ruptura e continuidade da Europa, conjugando sua dupla identidade (1997, p. 133).

O *trans* – associado a ultrapassagem –, preside essas mobilidades e a composição dos termos do título deste trabalho, carregando a idéia de ir além na travessia de territórios outrora interditos (cf. BERND, 2008)<sup>2</sup>. As recorrências dessas reflexões são múltiplas, no norte e no sul das Américas, para citar apenas os dois pólos, nosso interesse particular aqui. Em 2006, na Universidade de Ottawa, o evento “Culturas em trânsito” considerava o fenômeno da mobilidade cultural no contexto das comparações entre o Brasil e o Canadá, debruçando-se sobre as interfaces existentes entre a produção cultural nos campos das artes visuais, cinema e literatura e o sentido contemporâneo de mobilidade, intimamente conectado aos fluxos migratórios e ao desenvolvimento de tecnologias de telecomunicação. Em 2007, a *Revue internationale d'études canadiennes* (RIÉC, volume 38-2008.2) solicitava contribuições que explorassem questões levantadas pelas fronteiras, regiões limítrofes, confins e litorais sob todas as suas formas e relações com a história, a geografia, as políticas federais e provinciais, a cultura e as artes, tendo o povo canadense como referencial em toda a sua diversidade. No Brasil, no mesmo ano, quando realizaram o colóquio “Mobilidades culturais Brasil/Canadá: agentes e processos”, as organizadoras Sandra Almeida, Yvete Walty e Maria Zilda Cury, professoras da Universidade Federal de Minas Gerais, ao reunirem um grupo de pesquisadores que debateram a respeito dos agenciamentos e processos de mobilidade cultural, ampliaram o entendimento sobre esse fenômeno tão complexo, focalizando mediadores culturais que transitam pelos espaços midiáticos e artísticos em discussões profícuas sobre a gestão da diversidade em novas cartografias. Um ano depois, organizado por Zilá Bernd, Lúcia Rebello e Márcia Ivana de Lima e Silva, o “Colóquio Internacional Brasil/Canadá: imaginários coletivos e mobilidades (trans)culturais” (UFRGS, Porto Alegre, 2008) – cujas apresentações estão reunidas

---

<sup>2</sup> Na sua contribuição à apresentação da *Interfaces Brasil/Canadá* n. 8 (p. 7) e na alocação proferida durante o “Colóquio Internacional Brasil/Canadá: imaginários coletivos e mobilidades (trans)culturais” (UFRGS, Porto Alegre, 2008).

nesta publicação – volta a focalizar os saberes em movimento, o prefixo *trans* reaparecendo insistente em variadas composições nos resultados de pesquisas interdisciplinares.

Ao reunir mais de 100 autores, canadenses, brasileiros e de outras nacionalidades, quando completa um ano de veiculação na galáxia virtual, contabilizando em torno de 160 mil visitas nos mais diversos horizontes, a revista anual *Interfaces Brasil/Canadá* pode ser considerada o veículo por excelência do *trans* em nosso território no âmbito dos estudos canadenses. Conforme assinala Bernadette Velloso Porto na apresentação do primeiro número, pela via da multidisciplinaridade “fazemos dialogar nossos estranhamentos e realizamos trocas no âmbito das Américas” (2001, p. 9). O oitavo número, que pensa e inscreve as mobilidades (trans)culturais, as migrações e as mutações, aborda o tema bifurcando-o em “Mobilidades culturais literárias” e “Mobilidades culturais sociais”. Estes dois veios norteiam os artigos e a proposta comum dos autores: investigar a constituição desses novos dados no plano simbólico, desenvolvendo-os em focos distintos, todos eles porém caracterizados pela mobilidade cultural, a transculturalidade, a transmigração ou a transmutação. Menos do que etiquetas restritivas, revela-se que é possível estender ou diluir quase ao infinito os termos que abrangem as mobilidades.

A proposta deste trabalho é focalizar as duas revistas em dois tempos. Para tal, no primeiro apresenta os tópicos literários da oitava edição da *Interfaces Brasil/Canadá*, revista oficial da Associação Brasileira de Estudos Canadenses (ABECAN), criada por Zilá Bernd (Porto Alegre, 2000), e posteriormente e com maior ênfase, apoiada sobretudo no artigo de Pierre Ouellet, apontar algumas noções relativas à transcultura e à mobilidade cultural exploradas pela *Vice Versa*, revista bimestral transcultural e trilingüe – que circulou de 1983 a 1996, em Montréal, completando em 2008 vinte e cinco anos de criação.<sup>3</sup>

### **Contexto histórico da *Vice Versa***

É oportuno lembrar que no Canadá, a partir dos anos 1960, o conceito de multiculturalismo, resultante das necessidades específicas da Confederação, desempenhou papel importante na gênese da descrição nacional, possibilitando delimitar a imagem dominante de autodescrição em relação ao *melting pot* americano.

---

<sup>3</sup> Fundada por ensaístas, entre eles Lamberto Tassinari, e por poetas e escritores, entre eles Fulvio Caccia e Antonio D'Alfonso, respaldados na iconografia e no grafismo de Gianni Caccia.

Só depois de 1980 – quando se registrou a presença de grande número de representantes migrantes no seio dos campos culturais – é que o cenário mudou e as balizas simbólicas tradicionais perderam sua função reguladora. Embora o multiculturalismo tenha deixado efeitos positivos no Canadá, essa “política do reconhecimento”, segundo a definição de Charles Taylor, foi rapidamente de encontro à necessidade de reconhecer igualmente os direitos adquiridos pela maioria como prévios às partilhas e ao bom entendimento necessários à vida em comum. Constata-se ainda que as grandes religiões não estiveram verdadeiramente à altura para propor um denominador universal, que cultivasse a compreensão entre os povos, o respeito e a tolerância. O próprio movimento intercultural e ecumênico católico permanece parcial, nos dois sentidos, insuficiente e inconveniente à formidável demanda de diversidade que a mundialização faz surgir no espaço público. Onde apoiar ou traçar a linha desses *accommodements raisonnables*<sup>4</sup>?

*Vice Versa* antecipava o atual debate sobre esses hoje tão discutidos *accommodements raisonnables*, avançando o fato de que toda cultura nacional possui em seu seio a mola da transformação, que serve para metabolizar os aportes exteriores e para unificá-los. Esse consenso representava muitas vezes o fruto do poderio do vencedor; foi então que a proposta vanguardista de *Vice Versa* apoiou-se na cultura e em um valor imemorial comum a todos: a hospitalidade.

Por outro lado, é bem sabido que os processos civilizatórios implícitos nos deslocamentos e nas migrações determinam a globalização vivida hoje em suas perspectivas múltiplas, polifônicas. A transcultura e os diversos processos de transculturação, presentes no desenvolvimento desses translados, levaram mesmo assim mais de um século para que deles se iniciasse a extrair no plano estético todas as conclusões. A transcultura, para Pierre Ouellet, não vê

---

<sup>4</sup> *Accommodements raisonnables* (que pode ser traduzida por acordo ou acomodamento razoável ou racional) é a denominação atribuída à comissão designada pelo governo do Quebec, co-presidida por Charles Taylor e Gérard Bouchard com o objetivo de fazer – depois de consulta pública junto aos indivíduos – o retrato das práticas de *accommodements raisonnables* na província. Sua atribuição é também analisar os mecanismos a elas associados, levando em conta as experiências de outras sociedades. Assim como outras nações do Ocidente, para o governo o Quebec deve encontrar o meio de conjugar as diferentes culturas que compartilham o mesmo espaço e as mesmas instituições. O contexto de fricções interculturais, vivido por muitos como uma crise, talvez possa também ser abordado sob um ângulo positivo, na medida em que fornece a oportunidade para rever e, se necessário, redefinir os elos que unem os indivíduos. A comissão deve ainda conduzir a formulação de recomendações ao governo para que as práticas de acomodamento sejam conformes aos valores da sociedade quebequense enquanto sociedade pluralista, democrática e igualitária. No site <http://www.accommodements.qc.ca/> podem ser encontradas informações e projetos de pesquisa realizados pela comissão. O trabalho de Danielle Forget, publicado nesta edição (p. 47-70), discorre sobre o tema.

apenas o reconhecimento dos contatos interculturais através dos quais todo sujeito se constrói, mas a própria expressão da construção identitária, que deve passar por uma essencial alteração de si para se fazer e refazer, mesmo que essa alteração não dependa de um “deslocamento” real no espaço geográfico – sendo o espaço do imaginário o único verdadeiro lugar da transmigração identitária (2003, p. 16).

### *Vice Versa*

Fulvio Caccia, no jornal montrealense *Le Devoir* (1 mar. 2007), no artigo “Diversité culturelle et transculture ou *vice versa*?”, lembra que em Montreal, há 25 anos, desenvolveu-se uma experiência artística e cultural inédita, a qual faria da diversidade cultural o motor de uma nova maneira de viver e interpretar o mundo. Referia-se ao *magazine* transcultural *Vice Versa*, publicação que quebrava as barreiras comunitárias ao agregar artistas, escritores e leitores provindos tanto da maioria quebequense francófona quanto das comunidades imigrantes anglófonas do Canadá, para prefigurar os discursos a respeito da diversidade, os quais mais tarde seriam amplamente desenvolvidos. Pierre Ouellet revela que pela primeira vez uma revista foi capaz de ouvir a “palavra coletiva” e modelar o “território imaginário” da sociedade. Isto se deveu à sua eficiência simbólica nas “partilhas do sensível” – ou seja, dos espaços editoriais –, onde as relações entre o aqui e o alhures, o si e o outro, a memória e a imaginação, o passado e o futuro, o individual e o coletivo, a ficção e a história foram redesenhados de acordo com o que se constata ainda hoje em nossa cultura e sociedade profundamente híbrida e mestiça.

Mesmo que considere cedo para fazer a história dessa aventura intelectual, que foi o movimento *Vice Versa*, cujos efeitos se fazem sentir ainda hoje, o professor da Université du Québec à Montréal (UQÀM) considera urgente determinar a herança daquele grupo de artistas, escritores e intelectuais no plano social, político e propriamente estético.

Da transcultura à escritura migrante, passando pela mestiçagem e pela hibridação – lugares-comuns no discurso social atual –, Ouellet sublinha notadamente o trabalho subterrâneo *viceversiano* sobre a sensibilidade coletiva, graças aos mecanismos e efeitos político-estéticos de sua forma e do seu conteúdo editorial.

Fundada, dirigida e nutrida por escritores cuja mobilidade cultural não dependia essencialmente das culturas de expressão francesa, mas do conjunto de culturas européia, norte e sul-americanas, *Vice Versa* encarnou uma verdadeira mutação estética,

ao revelar à sua maneira que a identidade sempre repousa sobre “os territórios imaginários da cultura”<sup>5</sup>, podendo ser considerada escavadora do território suburbano, subterrâneo, que não cessou de atualizar, de desnudar, explorar e expor *à tout vent*. Uma outra geopolítica do “território imaginário da cultura” se desenha, menos devedora aos modelos concêntricos ou hierárquicos da vida cidadina – onde tudo se organiza por camadas sucessivas ou graus relativos de pertença e exclusão – do que à estrutura heterotópica que *Vice Versa* contribuiu para atualizar e que se pode entender como reconfiguração – ao mesmo tempo territorial e cultural – da cidadania ou da coexistência no seio da cidade.

Ainda segundo Pierre Ouellet, a *polis* depende hoje da relação, embora subterrânea, constante, dos meios e dos fins do governo e da preservação da vida demótica. E também dos aportes ou importes múltiplos e diversos da “estranhidade” radical em qualquer cidade que alimenta do exterior – sempre do mais longínquo ou do mais rechaçado – seu “mundo interior”, sua memória e seus fantasmas, sonhos e angústias, desejos e lamentos, arrebatamentos e traumas, lutos e alegrias. Em resumo, as ficções mais vivas definem a sensibilidade tensa e heterogênea de toda a comunidade humana, cuja vida íntima depende muitas vezes do que não lhe pertence, compreendendo-se aqui o que se apresenta como a-social e refratário a qualquer espaço comum.

O modo particular de territorialidade nem sempre obedece às condições próprias ao espaço geopolítico clássico, mas às formas singulares de habitabilidade, agora no dizer e no entender de Simon Harel em *Les passages obligés de l’écriture migrante* (2005), obra que propõe um balanço crítico do que chama “anos migrantes” da literatura quebequense em particular. Por meio do estudo da escrita de Naïm Kattan, Régine Robin, Antonio D’Alfonso e Émile Ollivier, partícipes daquele movimento, Harel oferece uma leitura atenta dos fenômenos da habitabilidade e localização, negligenciados na interpretação da escritura migrante. A exploração das modalidades contemporâneas de enunciação do lugar habitado demonstra a emergência de novas hibridizações que estabelecem as bases de um atualizado imaginário territorial. Na habitabilidade a própria cidadania é posta em jogo, conforme os tipos de pertença, de exclusão ou marginalidade, que escapam às identidades instituídas graças à invenção do

---

<sup>5</sup> Título do livro de Michel Morin e Claude Bertrand, em co-autoria, editado há mais de três décadas em Montreal pelas Edições Hurtubise (1979), eles próprios partícipes da aventura da revista, modelada pela interação do pensamento, da escrita e de um mundo de imagens.

imaginário ou à descoberta memorial de formas inéditas ou reprimidas de coexistência.

Territorialidade, hospitalidade e habitabilidade são modeladas pela eficiência simbólica próprias à estética da revista que Ouellet descreve e situa, mostrando como deram lugar à citada nova “partilha do sensível”, na qual as relações entre singularidades e comunidades foram completamente reconfiguradas, e a palavra suposta individual do poeta ou do artista, o discurso suposto coletivo do ideólogo ou do pensador, cessaram de se pensar de maneira antitética, graças à redefinição dos fenômenos fundadores – a cultura, a cidadania e o território –, veiculada agora em conjunto, por muitas vozes.

### ***Interfaces Brasi/Canadá***

Os nove artigos que compõem a seção “Mobilidades literárias” da *Interfaces Brasil/Canadá* edição 2008, revista que tem por missão a promoção e a valorização da pesquisa, trazem em seu bojo, *nolens volens*, as mesmas reflexões, respeitando seus objetivos, contexto e variantes. A escolha dos autores deve-se ao percurso de cada um, ligado inevitavelmente à questão da mobilidade. O ensaio referência que Zilá Bernd assina na abertura do volume, intitulado “Mobilidades teóricas interamericanas”, além de homenagem aos trinta anos de colaboração de Walter Moser com as universidades brasileiras, é ao mesmo tempo a recapitulação da tese de fertilização mútua no estabelecimento de perspectivas comparadas transamericanas. Entre os exemplos de apropriação teórica do Norte e sua importação pelo Sul para a leitura de textos produzidos nas Américas e exercício do comparatismo cultural e literário interamericano, despontam as teorias da reciclagem e da mobilidade cultural. Mas o termo “mobilidade” nada mais é do que uma denominação, uma vez que cada um dos colaboradores dessa edição da revista se revela na singularidade de sua proposta: “Mobilités culturelles et mouvements de l’histoire”, de Pierre Ouellet, precede “Mobilidade cultural: o (não-)lugar na encruzilhada transnacional e transcultural”, de Roland Walter, que parte da seguinte hipótese: “diversas mudanças nas práticas materiais, nos meios de comunicação, o aumento significativo da migração e outras formas de mobilidade entre regiões, nações, continentes e culturas provocam transformações na consciência e no imaginário das pessoas e dos povos” (2008, p. 38). Na seqüência, em outro tempo porém, as mobilidades do aventureiro Jacques Grasset de Saint-Sauveur (1757-1810), que publicou um número considerável de enciclopédias de viagens e costumes, compilações e narrativas libertinas, além de obras de cunho moral

de inspiração filosófica ou republicana, interessam particularmente a Bernard Andrès do ponto de vista tríplice: da história política e diplomática do Canadá e da França, da história literária e da história da arte. “Entre ambivalence et réflexivité: la mobilité culturelle et sa mobilisation littéraire dans l’écriture de la migration”, de Pascal Gin, focaliza em *Tsubame*, de Aki Shimakazi, a inscrição romanesca da mobilidade, “figura paradigmática da conjuntura cultural fortemente mundializada”, segundo o autor. Sensível às profundas ambivalências, característica dos fluxos culturais contemporâneos, sua análise atenta para a parte de imobilidade suscetível de ordenar construções simbólicas que sobredeterminam a constância do movimento. Pontos comuns são encontrados no texto de Renato Venancio Henriques de Sousa, “Escrita migrante e tradução: as línguas de Sergio Kokis”, em que analisa a “trilogia brasileira” *Le pavillon des miroirs*, *Negão et Doralice* e *Errances*, de Sergio Kokis – escritor canadense de origem brasileira – para priorizar temas ligados à escrita em língua estrangeira e à tradução em sentido amplo. “Vers des cultures mobiles? La migrance en question: divergences et convergences dans les discours littéraires au Québec et en Amérique latine”, de María Fernanda Arentsen, propõe a leitura do discurso literário sobre a migrância no Quebec e na América Latina, salientando a problemática da alteridade e da identidade, intimamente ligadas ao deslocamento. Arentsen lembra que o fenômeno da migrância maciça é relativamente recente: suas representações literárias em contexto de globalização deixam transparecer os sinais de um novo espaço, um novo estado de coisas em uma cultura cujas relações entre *uns* e *outros* são com frequência difíceis. “Le dire comme quête de soi et d’un monde habitable ou la parole comme brèche dans le mur du convenu”, de Lucie Lequin, na seqüência, analisa a obra das autoras Marie-Célie Agnant, Ying Chen, Abla Farhoud, Nadine Ltaïf e Mona Latif Ghattas, agora com o objetivo de dar conta da riqueza da escritura das mulheres ditas migrantes, às voltas com a escolha crucial, velha como o mundo, de encontrar seus respectivos centros. Finalmente, Tacel Coutinho Leal explora em dois contos – “On seeing England for the first time”, de Jamaica Kincaid, e “Blossom”, de Dionne Brand – a questão do exílio e a dificuldade da condição da mulher que se auto-exila, aproximando-as de questões relativas à sensação do “não-pertencimento”. Nessas histórias as personagens migram de algum lugar do Caribe para países da América do Norte – os EUA e o Canadá.

É bem verdade que a maioria dos habitantes do planeta jamais conheceu ou conhecerá a experiência do desenraizamento ou da imigração em um país estrangeiro.

Mesmo assim verifica-se nessas experiências – contemporâneas ou não – um sentimento de perda das origens ligado à existência majoritariamente urbana, cada um à procura do seu centro.

Deslocamento-desordem para uns, migração-alívio para outros, entre os sonhos das partidas e as realidades das chegadas sempre há decepções; os caminhos das mobilidades que unem os nove artigos da oitava edição da *Interfaces* forjam a consciência de maneira diferente, sempre antagônica ao percurso sedentário, por paradoxal que a expressão possa parecer.

### **Concluindo**

Duas dicotomias são atingidas nas seleções editoriais da *Vice Versa* e da *Interfaces*: a que opõe a cultura no sentido antropológico do termo, que para Pierre Ouellet é o conjunto de costumes, tradições, maneiras de viver e os *savoir-faire* de uma dada sociedade em uma época de sua história, e a cultura no sentido mais restrito, do conjunto de bens ou práticas artísticas (e lugares de sua difusão na mídia), que caracterizam um grupo ou subgrupo, uma nação ou uma comunidade, em um determinado momento de sua evolução.

A outra dicotomia que Ouellet refere opõe cultura erudita e cultura popular, cultura de ponta e cultura de massa, oposição transversal à primeira, pois concerne ao mesmo tempo a cultura no sentido amplo, que distingue as tradições populares ou os folclores das práticas mais sábias, tais como as mitologias e as cosmogonias; e a cultura no sentido restrito dos bens e das práticas simbólicas, onde se distinguem igualmente produções clássicas e experimentais, de um lado, e produções maciças e normativas, do outro.

Essas repartições cessaram entretanto visivelmente nos últimos anos, não só no plano da revista *Vice Versa* em particular, mas também no da *Interfaces* de modo geral, devido ao apagamento das fronteiras até então intransponíveis entre as diferentes formas de cultura. Isto tem relação com o que se pensava a respeito do termo transcultura: se de um lado ele designa os efeitos da globalização, da migração e da hibridação sobre a vida cultural em geral, do outro revela as maneiras de viver e de fazer no seio da cultura, no sentido antropológico do termo, em suas tradições, seus folclores e suas mitologias.

Importante nesse contexto é a figura do estrangeiro ou migrante – *passeur*

cultural<sup>6</sup> ou mediador entre culturas –, aquele que não pertence inicialmente ao campo literário ou artístico (onde hoje faz efetivamente fortuna), mas ao campo da própria história e ao mundo da vida comum, onde ambos, estrangeiro e migrante reais, pouco a pouco ocuparam o espaço público – território cultural no sentido antropológico do termo –, no qual se definem as maneiras de ser e de viver em conjunto, pela sua presença, sua extraterritorialidade, sua existência paradoxal enquanto ausência “observada ou observável” no seio do espaço comum.

O imaginário estrangeiro, quer seja a figura literária ou estética do migrante ou do mestiço, terá sido o fermento real, mais eficiente que qualquer outro discurso de natureza ética, ideológica ou política, das mutações culturais profundas vividas de maneira transversal propriamente transcultural pelas sociedades. Desde a cultura popular compartilhada até as práticas culturais mais experimentais, cuja dimensão exógena torna-se manifesta com força irresistível, ligando assim o destino de todo um grupo cultural à sua voz e visão singulares, o estrangeiro vive a incerteza identitária na província francófona canadense. Foi justamente essa voz que se fez ouvir na *Vice Versa*, cuja “estranhidade” se faz igualmente presente, mesmo que de maneira mais singela, nas edições da *Interfaces*.

Pela força das palavras e das imagens, que vão muito além dos conceitos, das fronteiras, das idéias e dos valores erigidos cedo ou tarde em teorias, ideologias e morais de toda espécie, que a formação da sensibilidade comum pôde operar ao longo dos vinte cinco anos de circulação da revista quebequense. No que diz respeito à *Interfaces*, em seus oito de vida, ela tem veiculado uma nova idéia das Américas, aproximando a do Norte (Canadá) à do Sul (Brasil), abrindo as fronteiras em direção a todas as aproximações, para explorar as consciências e deixar espaços para a uma busca mais ampla da alteridade e da heterogeneidade, carregada sobretudo pela arte e pela literatura, lugares privilegiados da expressão do incerto, transitando, como diz Ouellet, “entre as memórias reinvestidas e os sonhos ou antecipações constantemente reanimados”.

---

<sup>6</sup> *Passeurs culturels: une littérature en mutation* (2001) é o significativo título do livro organizado pela jornalista Suzanne Giguère, que anima programas na Rádio Canadá, em Montreal. O livro se inscreve na movência de sua atividade radiofônica. Para Giguère, a afirmação de uma literatura passa pela capacidade de acolher o outro, de criar o diálogo, reconhecer o aporte dos “imigrantes literários” – que participam não apenas da consolidação da literatura, mas tendem a redefinir uma identidade cultural nova; é aceitar uma literatura fundada na mistura e na movência. As obras desses “passadores culturais” estão modificando a paisagem literária norte-americana e, sem dúvida, mais profundamente a identidade cultural das Américas no início do século XXI.

Não foi por acaso que escolhi esta abordagem, mas sim por acreditar no papel das revistas como veículo do *trans* neste mundo de incessante mutação. Trazer a palavra de Pierre Ouellet e Fulvio Caccia, que recuperam o que representou e representa ainda hoje a revista *Vice Versa*, ao mesmo tempo em que se publica o oitavo número do periódico anual coletivo da ABECAN, com suas interfaces propiciadas por Zilá Bernd e colaboradores, tem-se o objetivo de remeter às passagens transculturais, de uma língua à outra, de um horizonte cultural ao outro, às diásporas e aos exílios, enfim, a toda sorte de trânsito, no tempo e no espaço.

Hoje também disponível na rede ([www.revistabecan.com.br](http://www.revistabecan.com.br)), a *Interfaces* reforça o pensamento de que as perspectivas transversais, os lugares privilegiados à expressão das trocas que enriquecem cada vez mais nossos países, parceiros do norte e do sul da América, também podem refletir as grandes articulações da sociedade brasileira entrecruzadas às áreas de excelência canadenses. A experiência transcultural da revista *Vice Versa* e multidisciplinar da *Interfaces Brasil/Canadá* – aberta à livre manifestação das idéias de brasileiros, canadenses e canadianistas espalhados pelo mundo –, incrementa os estudos comparados em suas interfaces trazendo grande impulso às pesquisas universitárias, situando ambas as revistas, no terreno das artes e da cultura, na esfera do simbólico, a única que permite renovar as representações hoje requeridas para afrontar o desafio da diversidade.

## REFERÊNCIAS

CACCIA, Fulvio. Sortir de l'ethnicité. In: CACCIA, Fulvio; LACROIX, Jean-Michel (Eds.). *Métamorphoses d'une utopie*. Paris: Presses de la Sorbonne nouvelle; Tryptique, 1992.

CACCIA, Fulvio, *La république mêtis*. Paris/Montréal: Balzac/Le Griot éditeurs, 1997.

\_\_\_\_\_. Entretiens avec Fulvio Caccia. In: GIGUÈRE, Suzanne [Ed.]. *Passeurs culturels: une littérature en mutation*. Les Presses de l'Université Laval, 2001.

FREITAS, Lívia. Transculturação e transculturação narrativa. In: FIGUEIREDO, Eurídice (Org.) *Conceitos de literatura e cultura*. Juiz de Fora: Ed. da UFJF; Niterói: UFF, 2005.

GAUTHIER, Louise. *La mémoire sans-frontières: Émile Ollivier, Naïm Kattan et les écrivains migrants au Québec*. Québec: Les Presses de L'Université Laval, 1997.

HAREL Simon. *Les passages obligés de l'écriture migrante*. Montréal: XYZ, 2005.

INTERFACES BRASIL/CANADÁ. Porto Alegre: UFRGS; ABECAN, n. 1, 2001.

\_\_\_\_\_. Rio Grande: FURG; ABECAN, n. 8, 2008.

OUELLET, Pierre. *L'esprit migrateur*: essai sur le non-sens commun. Montréal: VLB, 2005.

\_\_\_\_\_. Mobilités culturelles et mouvements de l'histoire. In: INTERFACES BRASIL/CANADÁ. Rio Grande: FURG; ABECAN, n. 8, 2008.